



graciliano ramos

Arte sobre foto do Arquivo IEB-USP (Fundo Graciliano Ramos)

Apresentação

A poética do autor alagoano renovada em bases materiais

Graciliano Ramos (1892-1953) nos legou dois relatórios, quatro romances, dois livros memorialísticos, um relato de viagem, três volumes infantojuvenis, duas traduções, três coletâneas de contos e, sem contar sua correspondência pessoal e documentação burocrática, um conjunto não muito numeroso de textos avulsos quer em prosa, quer em verso, quer publicados na imprensa, quer ainda deixados inéditos, que, desde os anos 1960, vem sendo recolhido e organizado em diferentes compilações ou mesmo em publicações avulsas.

Apesar de não se tratar de uma obra tão extensa, a fortuna crítica em torno dela e do autor constitui-se como uma das mais expressivas da literatura brasileira. Observa-se isso tanto em termos qualitativos, com destaque para os inte-

lectuais de renome que se dedicaram a ela (Antonio Candido, Alfredo Bosi, Otto Maria Carpeaux, Silviano Santiago, entre outros), quanto em termos quantitativos, pois, para além dos muitos livros, teses e dissertações que tematizam as produções do artista alagoano, dos mais de 15 mil documentos que compõem o Fundo Graciliano Ramos do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (FGR/IEB-USP) desde os anos 1980, algo em torno de 80% do total correspondem a recortes de jornal, guardados inicialmente pelo próprio Graciliano desde antes do lançamento de seus primeiros romances e, depois de sua morte, por sua viúva Heloísa Ramos, responsável por ampliar com afinco tal coleção.

Levando-se em conta esse breve panorama (no qual ainda se poderiam incluir traduções de seus livros para as mais variadas línguas, a presença incontornável em volumes escolares, filmes antológicos, HQs, exposições, entre outras releituras), a elaboração de um dossiê sobre o escritor traz inúmeras dificuldades. Sem desconsiderar

o fato de que estamos diante de um escritor canônico cujos textos nunca terminam de dizer o que tinham para dizer, o que ainda poderia ser dito de novo a respeito de figura e obra tão debatidas e estudadas séculos XX e XXI adentro?

E há outro vetor a ser considerado nesse esforço de dimensionamento: a partir de 1º de janeiro de 2024 a obra de Graciliano Ramos entrou em domínio público. Tal fato vem resultando no incremento não apenas das edições dos principais livros do escritor, como também da realização de eventos, *podcasts*, adaptações teatrais, produtos audiovisuais, pesquisas etc. a respeito das diferentes facetas de sua produção literária e de sua trajetória política e intelectual.

Em vista desse interesse sempre vivo e, agora, sobremaneira elevado, bem como do desafio proposto, optou-se neste dossiê por privilegiar ensaios que se caracterizam por um esforço de renovação hermenêutica, pela abordagem de objetos que haviam recebido pouca ou nenhuma luz, pela valorização da dimensão histórica, material e editorial da trajetória do autor e de sua obra ante o prevalente biografismo, bem como pela tentativa de recuperação das múltiplas camadas de leitura que dia-cronicamente os compõem. E promover a publicação de tal empreitada intelectual na **Revista USP** ganha ainda mais significado, pois a Universidade de São Paulo notabiliza-se como a instituição que reúne os arquivos mais representativos do escritor, com óbvio destaque para o FGR/IEB-USP, mas também para a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, responsável pela guarda de alguns de seus manuscritos, os quais faziam parte originalmente do acervo da Livraria José Olympio Editora

e, ao que tudo indica, foram adquiridos por José Mindlin no transcurso do processo falimentar da empresa.

Não por acaso, todos os textos aqui reunidos, uns mais, outros menos, se valeram de pesquisas em fontes primárias preservadas e disponibilizadas ao público em tais espaços uspianos. Apresentam-se aqui os títulos dos artigos, sínteses das questões tratadas, como convite à curiosidade dos leitores, para apreciarem este dossiê: “Entre a escrita e a escrituração: a prosa de guarda-livros de Graciliano Ramos”, de Thiago Mio Salla, que recupera instrumentos jurídicos e administrativos da atuação do escritor como gestor público, com destaque para os inéditos livros-caixa da prefeitura de Palmeira dos Índios, todos eles manuscritos, assinados e rubricados pelo autor, com o fito de entender tais documentos à luz da poética do artista; “Capítulos reescritos de *Memórias do cárcere*: Graciliano Ramos e o estilo crítico de compreender a si e o outro”, de Ieda Lebensztayn, que resgata partes do livro em questão reescritas por Graciliano, mas deixadas de fora pelas edições em circulação da obra até a entrada desta em domínio público; “A chave dos manuscritos: um novo olhar sobre *Vidas secas*”, de Mario Santin Frugiuele, que propõe uma leitura genética do romance a partir do estudo de seus manuscritos autógrafos; “Graciliano Ramos, leitor e escritor de poesia”, de Matheus Monteiro Molina e Thiago Mio Salla, que visam trazer mais elementos para a compreensão de tal “face oculta” do escritor, sobressaindo-se, no conjunto de fontes mobilizado, o levantamento e análise dos exemplares de livros de poemas recolhidos por ele em sua acidentada

biblioteca; “A primeira coisa guardada e a desaparecida: apagamento e memórias em *Infância*, de Graciliano Ramos”, de Luciana Araujo Marques, que retira da sombra a irmã ilegítima do memorialista, personagem responsável por encarnar, no texto, o contratempo do processo de rememoração por ele empreendido; e “Raça e classe em Graciliano Ramos”, de Edilson Dias de Moura, que, partindo de bases historiográficas e da reciprocidade entre a consciência política do gestor público e a do romancista, mostra, por exemplo, como o pensar de Fabiano se encontrava permeado por inúmeras figuras de práticas escravistas. De modo complementar, com apresentação de Camila Diaz de Goes, a seção Arte deste número nos brinda com fotos inéditas da viagem de Graciliano Ramos à então União Soviética, em 1952.

Portanto, nas páginas a seguir avultam a análise e a recuperação de documentos

inéditos relativos à carreira de Graciliano como homem público; o trabalho detido com os manuscritos de seu mais celebrado romance e com os de seus pungentes livros de memória; e a revisita a títulos que compõem a estante de poesia da acidentada biblioteca do autor. Mas não se trata de um esforço circunscrito à compilação de novidades, ao inventário de documentos esquecidos, mas sim de interpretação desses novos velhos materiais à luz da poética do autor. Em alguns ensaios, as fontes saltam para o primeiro plano, em outros o empreendimento analítico resultante a partir delas prepondera. Em ambos os casos, entretanto, sobressai o empenho com vistas a iluminar tanto a vida como a obra do sempre renovado Graciliano Ramos.

Thiago Mio Salla